



# São mais que imaginação

Ruben Russo



# Nota do Autor

Hey, o meu nome é Rúben! Se estás a ler esta nota, é porque compraste o meu primeiro livro.

Neste livro deixei uma parte de mim e de todas as minhas emoções. Ele fala sobre saúde mental e como certos problemas podem afetar a nossa cabeça e mudar a nossa vida.

A personagem principal, Aurora, é uma versão feminina de mim, e vais também conhecer a avó Maria, uma homenagem à minha avó. Cada capítulo carrega um pedaço de mim e das minhas experiências.

Espero que gostes da leitura. Não corras demasiado: escrevi este livro com intensidade e emocionei-me muitas vezes. Se algumas partes parecem confusas, é normal — refletem a confusão mental da Aurora. Aqui vais entrar na mente dela, mas a dúvida fica: será tudo imaginação ou realidade?



I  
□□

## **Aurora**

Aurora era uma jovem de alma sonhadora, apaixonada por livros, que vivia na serena Vila Vicentina, uma aldeia onde cada pedra, cada rua e cada janela parecia guardar segredos antigos e pequenas histórias silenciosas. Morava com a sua avó, uma mulher de mãos habilidosas que passava os dias a trabalhar em tapeçarias, transformando simples fios e tecidos em imagens que contavam histórias sem palavras. A casa, antiga e acolhedora, rangia com o vento e cheirava a algodão e madeira, e para Aurora era um lugar seguro, cheio de memórias e calor.

Os livros eram os verdadeiros amigos de Aurora. Entre romances, contos e poesia, encontrava mundos inteiros que a transportavam para além da aldeia, permitindo-lhe sonhar e imaginar infinitas possibilidades. Mas nem sempre estava sozinha. Tinha uma amiga imaginária, Maria, cuja presença silenciosa lhe guiava os passos e lhe

oferecia conselhos nos momentos de dúvida. Maria não tinha rosto, mas a sua voz firme e reconfortante fazia Aurora sentir que, mesmo nos dias mais cinzentos, havia sempre um caminho certo a seguir.

Aurora vivia assim entre realidade e imaginação, entre a rotina da aldeia e os mundos que descobria nas páginas dos livros. Cada dia era uma oportunidade de perceber beleza nos pequenos gestos, nos detalhes que outros poderiam ignorar, e de acreditar que, entre fantasia e vida real, tudo era possível.

II

III

## **Livros**

Aurora descobriu cedo que os livros tinham algo de mágico. Não era apenas o cheiro das páginas ou o toque delicado do papel antigo, mas o modo como cada história parecia sussurrar segredos que ninguém mais podia ouvir. A sua paixão nasceu muito antes da sua própria memória, enraizada nas histórias que lhe eram contadas por uma mulher que tinha sido mais do que bisavó: uma escritora, cuja vida e palavras continuavam a ecoar na aldeia e, sobretudo, na casa onde Aurora cresceu.

A bisavó de Aurora escrevia romances e pequenos contos que falam de lugares distantes, de corações que se perdiam e encontravam, de mundos que existiam apenas nas palavras. Diziam que ela conseguia fazer as pessoas rir ou chorar com a mesma frase, e Aurora, ainda menina, passava horas escondida entre as estantes da casa da avó, relendo manuscritos e

cadernos antigos, sentindo cada palavra como uma ponte entre o seu mundo e aquele da bisavó.

Foi através desses livros que Aurora aprendeu a escutar com atenção, a observar cada detalhe e a valorizar a beleza das pequenas coisas. Cada história era uma janela aberta, uma porta para imaginar, e cada personagem que encontrava lhe ensinava algo sobre coragem, amor ou esperança. A paixão pela leitura tornou-se, assim, inseparável da sua própria vida, e não havia dia em que Aurora não se perdesse pelo menos por alguns minutos em páginas que a faziam sentir que podia ser qualquer pessoa, viver qualquer aventura e visitar qualquer lugar, sem nunca sair da aldeia.

Ainda hoje, quando folheia um livro na biblioteca, Aurora sente a presença da bisavó a observar, sorrindo com aprovação silenciosa. E é nesse fio invisível entre gerações, entre palavras e memórias, que a jovem descobriu que os livros eram muito mais do que amigos: eram heranças de vida, imaginação e possibilidades infinitas.

III



## Avó é a vida

Aurora tinha apenas cinco anos quando a sua vida mudou para sempre. Os seus pais, envolvidos em rotinas que ela não conseguia compreender, deixaram-na às portas da única pessoa que sabia que a acolheria: a avó materna. Nessa manhã de frio e silêncio, Aurora segurava no pequeno saco com as suas coisas — alguns brinquedos, livros já marcados pelas mãos pequenas, e uma boneca de pano que a acompanhava desde o berço. Tudo parecia maior e mais assustador, e a aldeia ainda dormia quando os passos apressados da avó ecoaram para recebê-la.

A avó, mulher de mãos firmes e coração vasto, olhou para aquela menina assustada e, sem necessidade de palavras, fez-lhe sentir que estava em casa. Foi ali que Aurora descobriu, entre o cheiro de tapeçaria e o calor da lareira, que existia um lugar onde podia ser protegida e, ao mesmo tempo, livre para sonhar. Aquele gesto silencioso de acolhimento ficou-lhe gravado para sempre,

como se cada fibra da sua memória se tivesse moldado naquele instante de segurança e amor.

Os primeiros anos com a avó foram de adaptação e descoberta. Aurora aprendeu a ouvir o ritmo do mundo que a rodeava, a observar cada gesto, cada detalhe da vida simples da aldeia. E, aos poucos, encontrou consolo nos livros, que lhe davam voz quando as palavras humanas ainda pareciam insuficientes. Foi também nesse período que a imaginação começou a ganhar forma, com a amiga invisível Maria a surgir nos momentos de solidão e dúvida, como uma presença firme e protetora.

Viver com a avó ensinou-lhe que o amor poderia existir sem explicações, e que a segurança nem sempre vinha de grandes gestos, mas de pequenos atos de cuidado: um chá quente numa tarde fria, a risada leve que acompanhava uma história contada ou o toque das mãos da avó ao ajudá-la a aprender. Aurora cresceu nesse espaço entre proteção e liberdade, e foi nesse equilíbrio que aprendeu a transformar a dor do passado em força, e a solidão em criatividade.

Cada dia que passava na casa da avó tornara-se um lembrete silencioso de que, mesmo quando o mundo parece incerto ou cruel, há sempre um lugar onde se pode sonhar, imaginar e sentir-se

verdadeiramente em casa. E foi nesse refúgio, entre livros e tapeçarias, que Aurora começou a construir não apenas a sua infância, mas também a base da mulher que se tornaria, marcada pelo amor da avó e pelas histórias que agora guardava consigo.

IV



## Criança feliz

Aurora cresceu entre ruas de pedra, varandas com flores e o som distante do sino da igreja que marcava as horas. A Vila Vicentina era pequena, quase esquecida pelos mapas do mundo, mas para ela era um lugar cheio de vida, de segredos e pequenos encantos. Cada esquina guardava histórias: o gato que se enroscava nos degraus da praça, o cheiro do pão acabado de sair da padaria, o vento que passava pelos campos e trazia consigo o perfume das flores silvestres.

A avó de Aurora era a companhia constante da sua infância. Entre risos e conselhos silenciosos, ensinou-lhe a observar o mundo com atenção, a encontrar beleza nos detalhes e a valorizar o simples. As tardes eram passadas na sala onde o sol entrava pelas janelas antigas, iluminando os fios coloridos das tapecarias que a avó tecia. Aurora sentava-se ao lado, fascinada pelo movimento das mãos que transformavam linhas em imagens, e ouvia histórias sobre o passado da

família, sobre a aldeia e sobre a vida que existia para além do que os olhos podiam ver.

Entre brincadeiras nas ruas estreitas e a tranquilidade da casa da avó, Aurora aprendeu a ouvir. Aprendeu a escutar o som da chuva a bater no telhado, o murmúrio do rio que corria perto da aldeia, o canto dos pássaros ao amanhecer. Cada som parecia contar-lhe algo, ensinar-lhe algo, e a imaginação da menina crescia mais a cada dia, alimentada por pequenos gestos e observações silenciosas.

A presença da avó era constante, mas nunca sufocante. Havia nas mãos dela um equilíbrio perfeito entre cuidado e liberdade: deixava Aurora explorar o mundo à sua maneira, mas estava sempre ali para segurar a sua mão quando o caminho parecia incerto. E foi nesse espaço seguro que Aurora descobriu que podia sonhar sem limites, criar mundos apenas com pensamentos, e confiar que mesmo a solidão podia ter beleza, quando acompanhada por livros, histórias e pelo amor silencioso da avó.

A aldeia, com suas cores, cheiros e sons, tornou-se não apenas o cenário da sua infância, mas também uma personagem silenciosa da sua história. E a avó, com as mãos que contavam histórias sem palavras, com o olhar paciente e a

presença constante, tornou-se a ponte entre a realidade da vida e a imaginação infinita que Aurora carregava consigo.

V

III

## **Adolescência não vem sozinha**

À medida que Aurora crescia, a aldeia que antes parecia tranquila começou a assumir contornos mais complexos e confusos. A sua infância serena, repleta de livros, tapecarias e manhãs ensolaradas, dava lugar a pensamentos que surgiam sem aviso, questionando o mundo e a própria realidade. Era a adolescência, e com ela vieram dúvidas, medos e o estranho descompasso entre o que via e o que imaginava.

Aurora passava longas horas na biblioteca, escondida entre estantes que cheiravam a papel antigo. Ali, a leitura tornava-se refúgio, mas também terreno fértil para perguntas inquietantes. Em dias nublados, quando a luz atravessava as janelas com dificuldade, ela sentia que os livros falavam diretamente com a sua mente, confundindo fantasia e realidade. Cada personagem, cada história, parecia pairar sobre